

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, CIÊNCIAS E ARTES
CURSO JORNALISMO

ERIKA MESSIAS DOS SANTOS

REPORTAGEM MULTIMÍDIA “A FICÇÃO DE FÃ ENTRE OS JOVENS”:
ESCRITA VIRTUAL DESCOBRE NOVOS TALENTOS E LEVANTA POLÊMICAS

MACEIÓ – AL

2022

ERIKA MESSIAS DOS SANTOS

**REPORTAGEM MULTIMÍDIA “A FICÇÃO DE FÃ ENTRE OS JOVENS”:
ESCRITA VIRTUAL DESCOBRE NOVOS TALENTOS E LEVANTA POLÊMICAS**

Relatório técnico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas com requisito para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Bispo

MACEIÓ – AL

2022

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central

Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S237r Santos, Erika Messias dos.

Reportagem multimídia “A ficção de fã entre os jovens”:
escrita virtual
descobre novos talentos e levanta polêmicas / Erika Messias
dos Santos. –
2022.

64 f. : il. Color.

Orientador: Ronaldo Bispo.

Relatório Técnico (Trabalho de Conclusão de Curso em
Jornalismo) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências
Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 53-58.

Anexo: f. 59-64.

1. Fanfic. 2. Jornalismo na web. 3. Jornalismo multimídia. I.
Título.

CDU: 070

Para meu pai (em sua memória) e por jamais deixar de acreditar em meus sonhos. Mãe, irmão, irmã e sobrinhos, vocês são minha força.

AGRADECIMENTOS

Travei muitas batalhas internas e externas durante meu período de aprendizado até chegar aqui, no encerramento. O que deveria durar apenas quatro anos, foi se estendendo e pensei por várias vezes em desistir, quase sempre por motivos banais de não me achar o suficiente capaz. Entrar em uma universidade pública era meu sonho e dividi essa expectativa com meu pai, Edson Messias dos Santos, até um sábado, dia 18 de dezembro do ano de 2011. Ele disse que estaria comigo nessa jornada, mas infelizmente os planos da vida foram diferentes no dia seguinte. Prometi ao meu querido pai que iria lutar por isso, que conseguiria entrar na Federal e me tornaria uma jornalista diplomada com honra e ele sentiria orgulho onde quer que estivesse. Esse dia chegou e a saudade tomou conta de mim, mas guardei o sentimento quando percebi que estava cumprindo enfim minha promessa. Eu, filha de uma dona de casa e de um vigilante, estou encerrando, com muito orgulho, este ciclo de aprendizado. Os agradecimentos seguem para minha querida mãe, dona Rozimeire, que enfrentou muitas batalhas ao meu lado e sei que tenho a felicidade em poder dizer que sou sua filha e tenho a melhor mãe do mundo. Não posso esquecer das outras pessoas importantes na minha vida, Jessyka, Andy e meu primo/irmão, Luiz Gustavo, que seguiram nessa travessia comigo e não deixaram o pessimismo dominar minha mente. Mara, Eurídice, Gabriela, Larissa e tantas outras companheiras e queridas amigas que surgiram em minha vida e agradeço a Deus por ser abençoada com pessoas incríveis assim. Para finalizar, meus agradecimentos seguem para a jornalista, Mariana Lima, você é uma das minhas inspirações como profissional e pretendo seguir lutando para levar informação de qualidade, obrigada por todo apoio.

“Não adianta tentar acabar com as minhas ideias, elas já estão pairando no ar e não tem como prendê-las. Não adianta tentar parar os meus sonhos, porque quando eu parar de sonhar, eu sonharei pelos sonhos de vocês. Não adianta achar que tudo vai parar quando eu tiver um infarto, porque meu coração baterá pelo coração de vocês.”

Luiz Inácio Lula da Silva.

RESUMO

É muito comum notar que fãs fazem de tudo para ter uma aproximação com seus ídolos cinematográficos e literários. A ficção de fã é a prova mais concreta dessa situação, pois com esse Hobbie é possível descobrir que escrever aventuras paralelas podem ajudar a aguçar o gosto pela leitura da população jovem. A internet é o espaço social que mais promove discussões sobre essa modalidade e revela embates/questionamentos com relação ao valor literário desse tipo de obra. Dentro dessa perspectiva, é interessante pautar o assunto de forma ampla e trabalhar exatamente com a web, considerado atualmente como o novo endereço do jornalismo. O multimídia é a peça fundamental nesse âmbito e uma reportagem completamente digital pode facilitar o compartilhamento de informações. As fanfics são retratadas através desse modelo jornalístico e com a reportagem, os internautas poderão refletir sobre polêmicas, influências e aprofundar suas opiniões diante do fato.

Palavras-chave: web-jornalismo; jornalismo multimídia; reportagem; ficção de fã.

ABSTRACT

It is very common to notice that fans do everything to get closer to their cinematographic and literary idols. Fan fiction is the most concrete proof of this situation, because with this Hobbie it is possible to discover that writing parallel adventures can help to sharpen the taste for reading of the young population. The internet is the social space that most promotes debates about this modality and reveals in relation to the literary value of this type of work. In this way, it is interesting to discuss the subject in a broad way and work the perspective exactly with the web, currently considered as the new address of journalism. Multimedia is a fundamental piece in this area and a completely digital reportage can allow the sharing of information. As fanfics are portrayed through this journalistic model and with a report, internet users can reflect on controversies, influences and deepen their opinions on the fact.

Keywords: web journalism; multimedia journalism; reporting; fan fiction.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS	12
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O QUE É <i>FANFIC</i> ?	13
3.2	DO IMPRESSO A WEB	18
4	REPORTAGEM MULTIMÍDIA COMO RENOVAÇÃO DO JORNALISMO	22
4.2	REDES SOCIAIS NO JORNALISMO	24
4.3	REPÓRTERES DA WEB	26
4.4	A CONTRIBUIÇÃO DO LEITOR DENTRO DAS REDAÇÕES	28
5	PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	30
6	ESCOLHA DO TEMA	31
7	PAUTA E ENTREVISTA	32
8	ANÁLISE DAS FONTES	34
8.2	SEQUÊNCIA DE ABORDAGEM	34
8.3	REDAÇÃO E EQUIPAMENTOS	36
8.4	EDIÇÃO E WEB DESIGN	37
9	RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
10	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	45
	ANEXO	49

1 INTRODUÇÃO

Este TCC consiste em um produto experimental do tipo reportagem multimídia. Nele abordo o fenômeno da “*fanfiction*” no qual muitos jovens se descobrem aspirantes a escritores e criam suas histórias baseadas na imaginação e em muitos casos utilizam personagens famosos, em sua maioria ídolos e figuras públicas. A proposta principal é mostrar o quanto essa nova forma de escrever pode desenvolver o gosto pela leitura e inserir mais jovens no universo da literatura. Dessa forma, todo o trabalho relata histórias de quem utiliza o gênero para seguir carreira como escritor e como as *fanfics* entraram em suas vidas. No entanto – assim como em outras interfaces da internet – o possível novo “gênero literário” também tem seus problemas e controvérsias, principalmente quanto às questões de plágio e conteúdos polêmicos envolvendo desde comportamentos tóxicos até a romantização de crimes.

A reportagem aborda os principais aspectos das *fanfics* tais como incentivo a escrita criativa, leitura e a aproximação com as publicações independentes, além do lado obscuro do gênero/formato. Na maioria das vezes esse produto é idealizado por adolescentes e jovens adultos em plataformas virtuais e existem classificações de conteúdo adulto, no entanto, as categorias selecionadas podem influenciar nos tipos de histórias escolhidas para ler.

É dentro desse fato que muitos iniciantes em sites como o *Wattpad*¹, acabam por desenvolver uma leitura considerada imprópria, mas descobrem que muitos estão apenas utilizando a escrita para contar – em uma história fictícia – alguns aspectos reais da própria vida e abordar esse tema traz uma visibilidade social construtiva.

A *fanfic* é de fato um produto textual totalmente digital atualmente e com a evolução da internet uma plataforma internacional ganhou destaque explosivo. Com o passar dos anos, junto às novas atualizações, o *Wattpad* – que existe desde 2006

¹ Wattpad: como baixar, ler e escrever histórias pela plataforma. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2021/10/29/tira-duvidas/wattpad/> Acesso: 12 nov. 2021

– foi criado por dois canadenses: Allen Lau e Ivan Yuen. O aplicativo é a plataforma de leitura digital mais conhecida do exterior, porém, mesmo com mais de 60 mil livros em seu domínio, ele só foi reconhecido quando começou a dar oportunidade aos inscritos para escreverem seus próprios livros.

Inicialmente era apenas um site de busca literária, apenas para estudantes do Canadá, mas quando os seus criadores resolveram dar mais acessos aos usuários e sem cobrar nada por histórias publicadas, as *fanfics* dominaram o espaço. O *Wattpad* ganhou cerca de 90 milhões de inscritos, de acordo com o site *Olhar Digital* e conseguiu estender o negócio em aparelhos móveis, como celulares e tablets.

A empresa recebeu mais de US\$ 20 milhões em financiamento da *Khosla Ventures* e da *Union Square Ventures*, entre outras empresas interessadas no ramo de publicação independente, além da ferramenta canadense, outros sites também se beneficiam dessa categoria e acabaram se tornando uma porta de incentivo e descobrimento para os jovens. Além disso, criar cenários e personagens baseados em ídolos, pode ajudar o desenvolvimento escolar, e essa estratégia pode melhorar os números de leitores no Brasil, já que o país não mantém o hábito em dia.

O universo *fanfiqueiro* fornece interessantes exemplos de estudantes que se envolvem afetiva e intelectualmente com um determinado texto, tomam posicionamentos críticos diante dele, desenvolvem categorias de análise para expressar esses julgamentos e os refinam e compartilham em debate comunitário todas essas experiências altamente educativas, buscadas pelas escolas com bom padrão pedagógico. (VARGAS, 2015, p. 10)

A partir desse entendimento geral, a reportagem tem o objetivo de mostrar como a prática da escrita digital é importante. O produto relata as diversas situações em que a ficção de fã se encaixa na vida dos entrevistados e também traz dados completos sobre os aspectos gerais da leitura no Brasil e em Alagoas, além de demonstrar que a escrita independente pode ganhar novos horizontes com as plataformas virtuais gratuitas.

. Com a análise dessa cultura literária será possível estabelecer a ideia principal do que realmente se trata uma *fanfic*. Este relatório serve como base necessária dos dados e relatos que estão inseridos na reportagem multimídia. A

fundamentação teórica apresentada neste trabalho aponta conceitos de como esse gênero surgiu, além de especificar a trajetória do jornalismo impresso até o que nós conhecemos como webjornalismo.

1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Geral:

Construir uma reportagem multimídia sobre *fanfic*, para trazer o assunto como tema relevante em função das dualidades envolvendo a escrita entre os adolescentes e jovens adultos no âmbito da comunicação digital.

Específicos:

- Pesquisar sobre *Fanfic*, Jornalismo Digital, Reportagem Multimídia;
- Elaborar uma pauta aprofundada para a reportagem;
- Apurar informações sobre *fanfic* a nível global, nacional e local;
- Entrevistar, gravar e fotografar especialistas, escritores e leitores;
- Criar *hotsite* em plataforma gratuita para hospedar a matéria;
- Editar matéria e designer do *hotsite*.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: O QUE É FANFIC?

O termo “*fanfiction*” é utilizado para narrativas de histórias escritas ou contadas por fãs, que em sua grande maioria são adolescentes e jovens adultos. Essa definição para escritores de ficção de fã surgiu com a popularização da internet, em 1990, onde pessoas fanáticas por séries televisivas e outros tipos de histórias passaram a criar sites, blogs e outras plataformas digitais e “determinavam” fins alternativos para produções famosas da época. Com o passar dos anos, essa modalidade foi ganhando mais adeptos e atualmente existem diversas comunidades voltadas apenas para adaptações ficcionais e histórias “originais” das quais muitos escritores usam suas celebridades favoritas e realizam aventuras heróicas.

No entanto, há quem relate que esse gênero já existia antes da criação virtual e a primeira *fanfic* apareceu nos Estados Unidos, a partir da década de 1970. Essa primeira obra foi considerada uma junção de histórias e jogos de *Fandom*², e nesse contexto, fãs usaram a série televisiva “Arquivo X” e refizeram várias outras alternativas, tudo isso para que a série não chegasse ao fim.

Mesmo sendo algo para divertimento ou utilizado para manter viva a memória de um fã, as *fanfics* podem ser consideradas uma ameaça a literatura clássica e contemporânea, isso porque não são reconhecidas necessariamente como uma criação original, mas a produção desse tipo de conteúdo continua crescendo e se espalhando nas redes.

Outra perspectiva para o surgimento das *fanfics* vem de bem antes dos fãs da série terem a ideia de continuar em seus próprios termos. A afirmação é da década de 1960 e está ligada a cultura do *Fanzine*, no qual pequenos grupos de fãs, conhecidos atualmente como “*Fandoms*”, insatisfeitos com o cancelamento da série

²Fandom é o diminutivo da expressão em inglês fan kingdom, que significa “reino dos fãs”, na tradução literal para o português.

“Jornada nas Estrelas” – “*Star Trek*”, começaram a escrever finais diferentes e divulgarem entre vários grupos de pessoas interessados na produção artesanal.

De acordo com Alencar e Arruda (2017), os *fanzines* eram textos em que os fãs discutiam e relatavam suas ideias e conspirações sobre seus gostos envolvendo livros, filmes, seriados e até histórias em quadrinhos.

Essas publicações eram editadas de forma caseira, e segundos as autoras, cada produção começou a ser vendida e distribuída gratuitamente nos encontros dos *fandoms*, que se tornaram mais tarde verdadeiras convenções de fãs nos Estados Unidos.

A fanfiction é um gênero textual digital e “os gêneros são formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural”. É através deles que costumamos nos comunicar, pois eles são um constituinte importante para a estrutura comunicativa da sociedade. Os gêneros textuais digitais têm como principal característica a escrita, pois é a forma mais usada para se comunicar através da internet. Entretanto, também fazem uso de imagem, som e vídeos, porém a escrita é a mais dominante, criando comunidades de interação “textualizada” e este é o caso das *fanfics*. (DONENGA, 2016, p.12).

Nesse sentido, plataformas como *Wattpad*, *Nyah! Fanfiction* e *Spirit* se tornaram espaços de influência e ajudam a desenvolver o gosto literário dos jovens e dessa maneira, os interesses pela própria língua – incluindo também línguas estrangeiras – evoluem e geram um aprendizado melhor, ou seja, a leitura cria um desejo de se aventurar na escrita.

É entendendo-se dessa forma que o estudo científico “A Inserção de *Fanfictions* no Ambiente Escolar: Uma Proposta de Sequência Didática” mostra uma das realidades aceitáveis para as produções de ficção por fãs. A autora enfatiza o uso desse gênero como um tipo de “letramento digital”, que quando um adolescente inicia sua leitura se motiva a escrever e desenvolve seu campo linguístico.

A fanfiction se torna uma ótima ferramenta para se trabalhar os conteúdos de Língua Portuguesa, despertando no aluno a vontade de ler e se tornar produtor de textos. Este trabalho intenta demonstrar uma opção de trabalho com a *fanfiction* no ambiente escolar, apresentando aspectos relacionados ao cotidiano do aluno e que possam servir como ferramenta pedagógica no ensino de Língua Portuguesa ao incentivar a produção textual dos alunos, tendo em vista que no ambiente escolar vários alunos apresentam dificuldade em produzir textos, principalmente nas propostas de redação. Os

professores devem ser atentos às novas práticas de interação sociais para que os alunos se sintam atraídos a aprender e vejam a aplicabilidade daquele conteúdo em seu cotidiano. Isto resulta em um melhor desempenho tanto do profissional em relação aos conteúdos didáticos apresentados nos documentos que fundamentam a educação e também dos alunos em suas práticas textuais. (TENÓRIO, 2013, p. 02).

Em mais uma questão positiva, os autores de plataformas digitais estão adquirindo cada vez mais o reconhecimento do público virtual. Eles são conhecidos como autores contemporâneos que normalmente fazem sucesso entre o público adolescente e conseguem milhões de visualizações de suas histórias – ou *fanfics* – e invadem as editoras, quando conseguem trazer a trama para livros físicos. Um desses fenômenos é reconhecido mundialmente como a série de livros “Cinquenta Tons de Cinza”, cujo a autora E. L. James se baseou no best-seller “A Saga Crepúsculo”, obra da também escritora *Stephanie Meyer*.

A britânica criou um mundo paralelo e erótico para os personagens *Bella Swan* e *Edward Cullen*, que logo se tornaram *Anastácia Steele* e *Christian Grey*, assim que ela decidiu lançar a produção “original”, no dia 25 de maio de 2011. É justamente nessa situação que os livros da autora sofreram duras críticas por parte de fãs da saga de vampiros e críticos literários, pois a trama foi considerada um tipo de plágio e logo as *fanfics* também foram julgadas de maneira negativa.

Seguindo um código de ética, autores de qualquer texto devem considerar um termo de originalidade, assim podem garantir que as obras sejam inteiramente autorais e se eles utilizam o trabalho ou textos dos outros que isso seja devidamente citado. Plágio em todas as suas formas constitui um comportamento editorial antiético e é inaceitável.

As *fanfics* costumam dar a impressão de infringir as leis de direitos autorais pois utilizam personagens criados originalmente por terceiros. Com exceção de casos em que os personagens já sejam de domínio público, as histórias que utilizem personagens ainda sob *copyright* podem ser proibidas por seus criadores originais. Contudo, devido ao grande número de sites de *fanfics* na Internet e aos altos custos de um processo judicial, geralmente esse tipo de criação literária é tolerada, considerando-se também que o seu conteúdo é criado por fãs que provavelmente consumiram o produto original e não têm o intuito de obter lucro. *Fanfics* também costumam ser vistas como uma forma de aumentar a publicidade e a popularidade das tramas originais. (FANFICS. In: WIKIPÉDIA, 2018).

Por outro lado, um dos maiores problemas vistos da parte social seriam os temas considerados obscuros e muito “pesados”. Nessa parte muitas pessoas acreditam que *fanfic* se trata apenas de conteúdo sexual explícito sem um desdobramento do enredo ou troca de diálogos legais entre os personagens. Entretanto muitas produções são focadas em apologias de romantização de violência doméstica, estupros e até síndromes, sendo a mais usual a Síndrome de Estocolmo. Mas, entretanto, algumas plataformas – no caso do *Wattpad*, *por exemplo* – deixam bem claro que utilizar certos temas podem gerar gatilhos em outras pessoas e fazem seleções de histórias com faixa etária de leitores.

Mesmo existindo algumas situações negativas, a *Fanfiction* consegue aflorar a imaginação de muita gente. Além de reconstruir finais ou criar novas perspectivas de uma mesma obra, ela é capaz de transformar e incluir personalidades diferentes para vários personagens já conhecidos. Isso fica claro para Daniele Alencar e Maria Izabel Arruda, no artigo, *Fanfiction: uma escrita criativa na web*, onde foram listadas pelo menos 10 maneiras de construção e abordagens para se escrever dentro do gênero usando originais de sucesso mundial.

A pesquisa explica que é necessário conhecer a obra considerada original. O ato de ler é fundamental para a escrita dessas histórias, pois é alicerçado no conhecimento do texto que o escritor de *fanfiction* - o *ficwriter*³ - Vai compor a sua visão sobre a história e seus personagens.

As *fanfics* podem seguir dessa forma:

(Re)contextualização: nessa etapa, após ler a história, o escritor de *fanfic* vai tentar preencher espaços que o autor da obra original não deu muita atenção. No caso de *Crepúsculo*, exemplo usado pelas pesquisadoras, a *fanfic* pode detalhar situações da lua de mel entre os personagens *Isabella Swan* e *Edward Cullen*, sendo um tipo de “cena” extra para os leitores.

Expansão da linha do tempo: Aqui as autoras fazem uma análise dos fatos passados – em muitas obras literárias é muito comum mostrar o passado de determinados personagens – e a *fanfic* pode contar a história de um personagem

³ Ficwriter é uma nomenclatura utilizada para denominar quem escreve *fanfics*.

secundário através de um “*POV*” (*point off view*, ou “ponto de vista”), mostrando o passado ou relatando algo que deverá se encaixar junto aos protagonistas;

(Re)focalização: Assim como a *fanfiction* pode continuar com personagens principais - livros, séries ou filmes de onde o escritor vai tirar inspirações - o enredo também pode ser completamente modificado e focar apenas na vida de um personagem não muito citado, como por exemplo, devolver outro universo para ele ou encaixa-lo em uma história diferente, apenas usando a personalidade e a fisionomia como lembrança do original.

Realinhamento moral: essa parte pode reverter por completo a obra original, as autoras afirmam que é possível montar contextos diferentes e realinhar personagens, onde o mocinho pode ser deixado em segundo plano e o vilão ganhar sua própria versão heroica, contando situações que o colocam de vítima, por exemplo;

Troca de gênero: ainda de acordo com Daniele Alencar e Maria Izabel Arruda, o “*fanfiqueiro*” pode de fato transformar tudo o que existe dentro da obra original, inclusive o gênero, que pode ser de uma história romântica e passar a ser de ação;

Cross Over: muito comum em seriados de televisão, essa modalidade também pode acontecer em *fanfics*. Nessa parte o escritor pode juntar dois mundos alternativos e criar aventuras para diversos personagens e juntar fãs de várias obras.

Sobre esse estilo: Trata-se da construção de uma intertextualidade entre textos populares, comuns a jovens de diferentes culturas, em virtude da globalização do consumo das produções norte-americanas, que escapa àqueles não tão afeitos a eles. (ALENCAR, ARRUDA, 2017, p.93 apud VARGAS, 2005, p. 66).

Deslocamento de personagem: mesmo muitas *fanfics* sendo escritas seguindo uma obra considerada autêntica e reconhecida, muitos escritores optam por não seguir a mesma história e levam os personagens para outras perspectivas. Um exemplo claro disso é a obra de *Cinquenta tons de Cinza*, que antes – ainda em forma de *fanfic* – transformou os personagens *Isabella Swan* e *Edward Cullen*, em uma estudante de literatura e um empresário misterioso.

Personalização: *fanfictions* muito comuns de se encontrar são as baseadas no encontro entre personagens fictícios e pessoas reais. É ainda mais comum uma história contada e protagonizada pelos próprios escritores, isso pode ocorrer até com ídolos, cantores como Justin Bieber e Harry Styles emplacam muitas obras escritas por fãs nas diversas plataformas.

Intensificação emocional: como já foi falado, a maioria das *fanfics* são utilizadas para “confortar” os fãs e isso pode ser além de uma continuação. A parte psicológica criada pelos escritores de *fanfic* acabam se tornando uma espécie de libertação pessoal e um personagem cheio de emoções é algo mais representativo.

Erotização: um ponto chave nas *fanfics* é justamente a sexualização dos personagens e em muitos casos, as histórias praticamente não mudam o contexto da original e apenas acrescentam cenas de sexo explícito e um linguajar mais adulto.

Sendo algo basicamente virtual e quase surgindo ao mesmo tempo que a internet, a *fanfiction* é um produto da indústria cultural, pois começou de maneira artesanal e logo entrou na gama de produção em massa, um dos seus principais conceitos. Atualmente existem mais de 665 milhões de textos relacionados à *fanfics* publicados em plataformas voltadas para esse gênero. Vargas (2005) faz uma análise desse fenômeno digital utilizando a visão de Henry Jenkins avançada em *A Cultura da Convergência* - sobre a questão do gosto.

Os *fandoms*, são alocados nessa cultura por se tratar de grupos sociais que utilizam seu gosto para expressar vontades e realizam isso escrevendo *fanfics* ou pequenos contos para determinados livros, músicos, seriados e demais produções também inseridas nessa indústria.

Partindo da premissa social, é comum muitos escritores terem inseguranças com sua escrita e também sobre o que a sociedade entende por gosto e cultura. O consumo cultural dessa modalidade está inserido nos indivíduos que compartilham o gosto igual e relativamente parecido, ou seja, “bom” ou “mau” perante as argumentações de Jenkins.

O primeiro passo é compreender o que a sociedade entende por “bom” ou “mau” gosto em termos de produção e consumo de cultura. De maneira geral, por construir suas histórias tendo como base um produto considerado de mau gosto, vulgar, ou, no mínimo, menos sofisticado, o autor de *fanfiction* pode se sentir compelido a não divulgar seu trabalho fora do fandom onde é reconhecido, nem mesmo dentro dos meios escolares, para não correr o risco de sofrer represálias pelo seu “mau gosto”. (Vargas, 2005, p.45).

Ao mesmo tempo que se fala de gosto, não podemos esquecer um fato muito discutido entre plataformas de *fanfictions*. Jenkins revela que com o grande avanço dessas publicações e a forma artesanal deixando de ser utilizada e partindo para a internet, muitas empresas ficaram interessadas no valor comercial que as histórias poderiam render.

Neste caso, o autor fala sobre a plataforma *FanLib.com*, que criou um espaço *on-line* para armazenamento de *fanfics* e prometeu “liberdade” entre os escritores na elaboração de personagens e histórias. No entanto, o autor revela que muitos fãs ficaram insatisfeitos ao notarem que existia controle de direitos autorais e com isso, o que era considerado uma diversão, se tornou um objeto monetário.

Jenkins afirma, que a empresa seguiu por completo o modo capitalista de consumo, “identificando um mercado em potencial e desenvolvendo um plano de negócios para possíveis colaboradores” (2006, p.247). Toda essa condição para a produção de conteúdo na internet, estava atrelada a conhecida “Web 2.0”, hoje vinculada como ideia pioneira das primeiras redes sociais, como *Facebook*, *YouTube* e tantas outras. O livro explica que essa ideia de conteúdo livre e espaços “gratuitos” começa a se desgastar em 2007 e muito se especula sobre o uso de dados pessoais por empresas da internet.

Trabalho gratuito é o momento em que esse consumo inteligente de cultura é traduzido em atividades produtivas adotadas com prazer e, ao mesmo tempo, muitas vezes exploradas sem pudor. Uma piada que circulou pela Internet definiu a Web2.0: “Você produz todo o conteúdo. Eles ficam com todo o lucro”. (JENKINS, 2006, P.247).

As *fanfictions* fazem parte do mundo digital – a nova era que vem revolucionando, não só o cotidiano, mas também o modo de pensar e escrever – a

internet deu voz e poder na escrita para várias pessoas. Esse mesmo fato social é a peça-chave para outra dimensão da escrita, no entanto para algo mais opinativo e informativo, que é o *web* jornalismo.

A escrita digital voltada para o âmbito do jornalismo é uma ferramenta que atualmente serve como utensílio de acesso rápido e prático com relação a notícias de última hora. Ele é a parte mais ousada da comunicação digital, pois desde a invenção da internet, os profissionais da informação podem criar seus textos de maneira menos formal e com isso tentar atrair novos leitores.

A comunicação *web* foi um processo construtivo, na qual para o meio *online*, a proposta de redação exclusiva para a internet foi então considerada ousada, pois todos os grandes noticiários online concorrentes eram vinculados a veículos tradicionais (PRADO, 2011, p. 27).

3.2 DO IMPRESSO A WEB

O desenvolvimento das primeiras linhas de comunicação dentro da sociedade europeia, com base nas técnicas de impressão, originalmente construídas por Gutenberg, em 1439 foram os primeiros passos para uma revolução dentro do campo da leitura. A imprensa montou novos ideais de vida social durante o século XV na Europa moderna e hoje a internet está reinventando o modo de se trazer informação e revelando diferentes paradigmas junto à prática jornalística.

Assim como as *fanfictions*, que também já foram feitas em papel e distribuídas entre o público, o jornalismo saiu do impresso usual e entrou para as telas de computadores, celulares e *tablets*. O surgimento das novas tecnologias e as transformações ao longo dos anos foram sequenciadas às diversas facetas do jornalismo, mesmo antes do surgimento do *World Wide Web*, a internet já fazia parte dos processos jornalísticos, mas a interação com a web era praticamente uma cópia sem muitos mecanismos técnicos diante das notícias.

O jornalismo online passa a ser utilizado apenas como ferramenta de divulgação, pois muitas empresas de comunicação começaram a enxergar a internet

como forma de “guardar” versões impressas em formatos de arquivo eletrônico. Marcos Palácios (2002) afirma que: “a rede já era utilizada para divulgar informações jornalísticas, porém os serviços oferecidos eram direcionados para públicos específicos e funcionavam através de distribuições de e-mails ou recursos semelhantes” (p.01).

Só a partir dos anos 90, o comércio jornalístico passa a notar que o mercado tecnológico pode gerar lucros e as primeiras editorias exclusivas para jornalismo online são inseridas em sites e alguns textos começam a ser vinculados e direcionados para a web. Porém, boa parte dos conteúdos continuam presos ao “modo impresso” e quase não existia uma interatividade ou mecanismos evoluídos dentro dos sites e nesse contexto o desenvolvimento do jornalismo na *web* ficou “engessado” diante das novas descobertas.

Num primeiro momento, ao qual chama-se de transpositivo, os produtos oferecidos, em sua maioria, eram reproduções de partes dos grandes jornais impressos, que passavam a ocupar um espaço na Internet. O que era chamado então de jornal online não passava da transposição de uma ou duas das principais matérias de algumas editorias. Este material era atualizado a cada 24 horas, de acordo com o fechamento das edições do impresso. (MIENICZUK, 2001, p.02).

Ainda segundo Luciana Mieniczuk, o processo de transformação do jornalismo na internet segue mais duas fundamentações para ser o que é hoje. O segundo seria considerado uma metáfora, quando mesmo sendo apenas uma cópia do produto impresso, passa a existir uma interação entre *links* de outras notícias sobre o desenrolar de um mesmo fato. Nessa parte da transformação, outro passo é a comunicação entre o jornalista e leitor, além de possibilitar debates dentro de fóruns e a explosão de novas notícias através do hipertexto.

A terceira parte é a atual forma de fazer jornalismo – já incluindo um conteúdo mais exclusivo e não apenas vindo de grandes empresas de comunicação – essa nova estrutura é vista como “jornalismo online de terceira geração”, ou seja, é uma nova colocação, um tipo de desmembramento do que seria visto como produto com credibilidade e permitindo uma propagação mais rápida das notícias.

Sendo assim, o jornalismo é incorporado de vez às redes e a interatividade já não é mais um problema dentro dos sites, que carregam novas estruturas, utilizando a criação dos *links*, a invenção do *HTML11* – ferramenta criada pelo engenheiro inglês Tim Berners Lee, que revolucionou o modo de armazenar documento nas redes de computadores – e a partir dessas novas implementações, a facilidade gerar conteúdo jornalístico se torna uma melhor alternativa para as grandes empresas de comunicação.

Essa semelhança carregada pelo jornalismo na internet foi um passo para também tentar encontrar uma nomenclatura diferente – isso porque até a chegada da internet, o conteúdo noticioso se mantinha conhecido por modelo alternativo do impresso. A partir do grande conhecimento dos textos exclusivamente digitais, termos como, *cyber* jornalismo, jornalismo digital e jornalismo eletrônico juntam-se e se tornam o *Web* jornalismo.

Outro ponto principal para se declarar que o jornalismo impresso foi dando molde ao *web*, são as características de interação. O jornalismo digital é visto como algo mais próximo da sociedade e isso se deve à forma de escrita mais leve, às diversas possibilidades de compartilhamentos e resposta imediata dos internautas diante de uma notícia.

Para isso, Marcos Palácios (2002) enfatiza que existem seis tipos distintos de caracterização que tornam o jornalismo feito na internet ao mais solto da formalidade do impresso, são eles: interatividade, hipertextualidade, multimídia, memória, convergência e atualização contínua.

Consideram que a notícia online possui a capacidade de fazer com que o leitor/usuário se sinta parte do processo. Diante de um computador conectado à Internet e acessando um produto jornalístico, o usuário estabelece relações: a) com a máquina; b) com a própria publicação, através do hipertexto; e c) com outras pessoas - seja autor ou outros leitores - através da máquina. (PALÁCIOS, 2002, P.06, apud, LEMOS, 1997).

Sites, blogs, páginas com pequenas notícias nas redes sociais trazem toda essa personalização do que realmente é a *web*. Conforme explica o autor, a proporção de alcance de informações noticiosas na internet chama a atenção para o

modo como os textos podem ser lançados nas diversas plataformas e é onde se encaixa a hipertextualidade, elemento principal do jornalismo online.

Com os chamados hipertextos, a notícia ganha múltiplas versões atualizadas sobre um determinado fato, essa ferramenta permite que exista uma interconexão entre os diversos textos apenas fazendo o uso de *links* dentro do assunto principal ou semelhante. Por exemplo, uma matéria sobre a autora *Anna Todd*, famosa por escrever uma *fanfiction* sobre a *boy band* britânica *One Direction* pode conter *links* sobre sua venda de livros dentro e fora do Brasil, como também pode haver um direcionamento de informações sobre o fim da banda ou a carreira solo de cada integrante.

Já multimídia/Convergência trazem a parte visual, ou seja, aqui o leitor pode ter além da leitura, os recursos midiáticos de áudios, vídeos e imagens. A memória se interliga com a sequência de atualização contínua, pois juntos geram um grande arsenal de notícias e o leitor pode ler e reler vários fatos sempre que quiser.

Ainda de acordo com o artigo, Contribuições do Hipertexto para o *Web* jornalismo, Oliveira (2007) ressalta as alterações de rotina dentro das redações com a chegada da internet. Em vários momentos, o repórter pode se tornar o próprio pauteiro e também o responsável pela edição dos seus textos, evidenciando mais uma mudança no processo de produção, difusão e consumo jornalístico, se comparado aos tradicionais.

A produção de notícias na Internet ou *Web* jornalismo se coloca como um desafio diário para os jornalistas e para as empresas jornalísticas. Novas ferramentas de produção de conteúdo jornalístico e informativo, assim como novas práticas de leitura multilinear e hipertextual passaram a integrar o campo jornalístico na atualidade. (OLIVEIRA, 2007, P.03).

Conforme relata Rina Rodrigues e Karliane Macedo (2019), o caminho traçado pelo jornalismo – a partir do modo convencional e antigo – tende a seguir uma mesma linha de pensamento, ao qual as editorias sempre estão em acordo ou de certa forma, muitas empresas de comunicação continuam empregando o modelo

impresso dentro da *web* por acharem que seus leitores terão mais “conforto” ao notarem que existe uma estética visual igual entre as duas modalidades.

Os avanços tecnológicos ainda estão em constante movimento e é pouco provável afirmar que a comunicação chegou ao último nível do que se conhece de modernidade, mas as questões de noticiabilidade dentro da *web* jornalismo carregam uma linguagem própria e mesmo usando todos os tipos de mídia alternativa, o texto ainda se torna indispensável, o que nos mostra que o jornal impresso pode continuar participando dessa modernização.

Na *web* jornalismo, apesar de seu avanço nos últimos anos, ainda é possível notar por meio da linguagem que se estabelece nas notícias vinculadas a *web*, a influência das editoriais dos jornais convencionais. A possibilidade de mesclar todas as mídias em um só conteúdo apresenta à *web* jornalismo uma linguagem baseada nas potencialidades do hipertexto e multimídia, ou seja, a linguagem da *web* notícia precisa ser ainda mais objetiva. Com base na convergência de texto som e imagem em movimento, a *web* jornalismo pode explorar todas as potencialidades da internet, oferecendo um produto completamente novo: a *web* notícia. (RODRIGUES e MACEDO, 2019, P.08).

Em sites é mais prático e fácil encontrar notícias referentes a datas antigas ou atualizações recentes. Além disso, diferente do impresso, o jornalismo de internet consegue ter um espaço ilimitado de armazenamento, é como se os diversos arquivos gerados dentro das plataformas digitais fossem uma biblioteca informativa. Com memória, o leitor pode ter acesso a qualquer notícia disponível, pois no modo *online*, a produção é imediata sem prazo de validade.

4 REPORTAGEM MULTIMÍDIA COMO RENOVAÇÃO DO JORNALISMO

Uma notícia completa, no âmbito do jornalismo digital, é aquela cujo os elementos textuais se integram junto a recursos sonoros e visuais. O quão impactante uma informação pode ser caso um vídeo ou imagem mostra realmente como a história aconteceu?

Em tempos de *Fake News*, nunca foi tão importante para o jornalismo provar o que realmente aconteceu no ambiente social e as reportagens com vínculos

midiáticos é uma porta aberta para acabar com informações que possam abalar negativamente a credibilidade dos veículos de comunicação e da própria profissão.

É pensando dessa maneira que vejo a reportagem multimídia como uma renovação muito positiva e bem aceita pelo público consumidor de internet. A influência das mídias em conjunto com a apuração tradicional é um encaixe necessário nos dias atuais, pois desde 2018, durante e após as eleições que elegeram Jair Bolsonaro como presidente da república é possível notar um crescimento absurdo de notícias falsas no país.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Tecnologia de *Massachusetts*⁴, publicada na Revista *Science*, revelou que notícias falsas são 70% mais compartilhadas do que as verdadeiras. Isso em uma proporção mais exata mostrou que, uma *Fake News* consegue atingir mais de 100 mil pessoas assim que divulgada, enquanto que uma informação verdadeira pode levar pelo menos seis dias para alcançar um público de 1,5 mil pessoas.

O termo *fake News* deveria ser compreendido como toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política. É prudente, tudo indica, isolar a prática, diferenciando-a da mera expressão de pontos de vista falsos ou errôneos, assim como do entrechoque de visões extremadas. (FRIAS, 2008, P.43)

Bem antes das notícias falsas serem “moda”, a reportagem multimídia já era adotada como fonte principal de informação na internet. As primeiras características relacionadas ao surgimento dessa modalidade aparecem nos anos 2000, como especiais multimídias com textos mais enxutos interligados apenas com imagens em *slide show*.

Em território nacional, portais como O Estado São Paulo, Folha de São Paulo, O Globo e o Uol, já trabalham diretamente com reportagens multimídia desde 2013.

⁴ A disseminação de notícias verdadeiras e falsas online. Disponível em: <https://www.science.org/doi/full/10.1126/science.aap9559>. Acesso em: 12 jan. 2022.

Essas empresas se inspiraram no formato de publicação “*Snow Fall*”⁵- Reportagem que falou sobre a uma avalanche ocorrida em dezembro de 2012, no *Tunnel Creek de Stevens Pass*, uma passagem que existe nas Montanhas *Cascade de Washington* – do site norte-americano *The New York Times*, que é considerado o pioneiro nessa modalidade.

Segundo, Liliane Ito (2016), a junção de texto e mídia foi mais uma forma de atrair mais leitores e também fortalecer a economia, já que tanto no Brasil quanto em outros países, as grandes empresas jornalísticas tentam driblar crises financeiras. Mas essa nova maneira de se ganhar dinheiro gerou uma pequena ponte entre os consumidores de informação: o leitor, até então acostumado com conteúdo gratuito, precisou ser um assinante digital para poder ter acesso.

A autora também cita a relação com tecnologia através de dois exemplos de produtos voltados para a reportagem multimídia: “a realidade virtual, para causar uma sensação de imersão no usuário e a interativa, que surge para garantir novos parâmetros de audiência, apostando principalmente em textos longos e fácil navegação entre os diversos tipos de aparelhos eletrônicos” (ITO, 2016, p. 143).

Para Pollyana Ferrari (2014), os portais não são necessariamente feitos de notícias e veiculação de mídias, é preciso ter todo um conjunto de integração entre o conteúdo escrito/midiático e a “aparência” interativa. A autora descreve os sites como sendo algo orgânico, uma ferramenta que precisa cativar o leitor e apresentar facilidades de navegação.

O *design* seria a peça fundamental para que o leitor escolha ficar em uma determinada página de notícias. E para isso, mesmo que atualmente exista uma demanda absurda de propagandas espalhadas tanto na *home* dos portais quanto dentro das notícias, é necessária uma certa criatividade “branda”, com características mais enxutas.

O site deve ser agradável e tolerar erros dos internautas, já que ninguém é obrigado a saber de antemão um caminho para achar determinado lugar. A

⁵ Reportagem considerada pioneira disponível em: <https://www.nytimes.com/projects/2012/snow-fall/index.html#/?part=tunnel-creek>. Acesso em 12 jan. 2022.

chave para maximizar o design é permitir que o sistema incorpore o *feedback* dos usuários até o produto atingir níveis cada vez mais orgânicos e intuitivos. Menos é mais. O design orgânico é simples. (Ferrari, 2014, p.65)

Ainda conforme detalha Ferrari, os portais podem ser conhecidos como verticais e horizontais – sendo este último pouco utilizado e sempre vinculado a grandes empresas jornalísticas.

No que diz respeito a estímulos visuais ou a estética do próprio portal, a maioria das plataformas optam por modelos de interação vertical, pois segundo a autora “o conceito de portal vertical abre espaço, por exemplo, para rede de tv que queiram criar portais especializados em televisão” (IBID, p. 35).

Para Raquel Ritter – no artigo “*O Turning Point da Grande Reportagem*” - dentro dos mais de 20 anos da modalidade multimídia adotada pelo jornalismo, o conteúdo noticioso continua em transformação. O uso de computadores, tablets e celulares para se ter acesso às informações do cotidiano, é de fato, a principal parte da caminhada evolutiva do jornalismo de internet e demonstra o quanto a influência da tecnologia ainda pode modificar o futuro dos meios digitais de comunicação.

De acordo com o artigo, após a publicação da grande reportagem “*Snow Fall*”, citada logo no início deste capítulo, a junção das mídias foram amadurecendo o texto jornalístico e gerou a primeira fase de transformação do conteúdo digital – o jornalismo *long-form*, em tradução livre: formato longo – entra em evidência.

Esse novo formato possibilita uma exploração melhor de imagens, vídeos e principalmente o uso de material infográfico. Para a autora, o *long-form* é a consolidação da narrativa jornalística no ambiente virtual e essa etapa também ficou conhecida como “herança” das grandes reportagens impressas.

Não apenas no aspecto técnico, também se verifica uma renovação, especialmente no que diz respeito a matérias com mais 4000 palavras, ou grandes reportagens com 10 e 20 mil palavras. Com a narrativa jornalística *long-form* surge um ponto de virada em relação aos produtos especiais multimídia, nos quais o texto, geralmente longo, era tratado e disponibilizado na forma de fragmentos e divididos nas diversas seções dos produtos. Há um público leitor para esse tipo de texto narrativo, o que, seguramente, o

jornalismo online vem ganhando em qualidade com esse tipo de formato. (RITTER, 2014, P. 914)

4.2 REDES SOCIAIS NO JORNALISMO

Outro fator muito importante para que o jornalismo ligado a multimídia seja um modelo revolucionário são as redes sociais. A era do ser “conectado” é o que traz, atualmente, um bom retorno de interação entre o consumidor e as empresas de comunicação.

Essa interação também não é diferente para as histórias criadas por fãs, os escritores precisam de engajamento para manter seus livros em modo de visualização nas plataformas. Comentários, compartilhamentos e ter suas publicações espalhadas pelas redes – assim como no jornalismo – é uma forma de interação contínua e pode alcançar novos leitores.

Segundo aponta Roberta Steganha em sua dissertação sobre Jornalismo na Internet e a Influência das Redes Sociais no Processo de Confecção das Notícias, essas ferramentas tornaram a divulgação de notícias mais ágil e também trouxe um espaço amplo para outros veículos de comunicação, além dos tradicionais.

Enquanto os veículos de massa, como a televisão e o jornal, focam os grandes grupos de telespectadores e leitores, a *Web 2.0* propõe justamente o contrário. A base do conceito é dar espaço a pequenos grupos, aqueles que no sistema de massa estariam marginalizados e sem poder para divulgar suas ideias e anseios. (STEGANHA, 2010, P. 15)

Paralelo ao que Steganha apresenta, é possível notar que as redes sociais trouxeram o advento da participação. Dentro das redes, os internautas costumam deixar comentários expressando seus pensamentos e opiniões em notícias dos mais variados assuntos.

Das principais redes sociais mais utilizadas pelos brasileiros, isso é muito provável de acontecer com mais frequência dentro do *Facebook*⁶ através das diversas comunidades virtuais – pois mesmo o *WhatsApp* tendo carregado cerca de

⁶ Redes sociais mais usadas no Brasil. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/redes-sociais-mais-usadasno-brasil/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

120 milhões de acessos no Brasil, seguido do *Instagram* e *Twitter* com 120 e 17 milhões – ele ainda é o mais acessado, com uma taxa de 130 milhões só em 2021. Com isso, se caracteriza a “cultura participativa”, citada por Henri Jenkins, na qual o usuário passa a ser parte do processo de construção do conteúdo jornalístico.

A expressão cultura participativa contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes agindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. (JENKINS, 2008, p. 30)

Dentro das redes sociais a reportagem multimídia ganha uma visão do que realmente se tornou o jornalismo digital. E essa condição se torna mais real quando a televisão deixa de ser o meio de comunicação mais procurado para saber o que acontece no país, principalmente durante a pandemia após o surto de coronavírus.

Em 2020 – pela primeira vez – as redes sociais foram mais procuradas para se obter informações e consumo de conteúdo de uma forma geral. A pesquisa mostrou que 67%⁷ dos brasileiros afirmaram ter as redes sociais como principal fonte de informação, tirando do pódio a televisão, que alcançou cerca de 66%.

Esse fato pode ser caracterizado pelo valor da notícia, já que conteúdos com mais apego social – sendo um exemplo óbvio: o embate entre a população que é a favor da vacina e os que são contra – podem gerar discussões que aumentam a visibilidade de um determinado veículo online através dos vários comentários e replicações de respostas, coisa que não acontece com uma informação que seja divulgada na televisão.

Nessa situação, segundo Raquel Recuero (2009), o que provém é a interligação entre os atores sociais – a notícia publicada por um veículo de comunicação - e o capital social, que seriam os internautas.

⁷ Números divulgados pelo relatório Reuters Digital News Report. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/pela1a-vez-rede-social-e-mais-citada-que-tv-como-fonte-de-noticia-no-brasil/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

Dissemos que a Internet permite que os grupos sociais estejam permanentemente conectados. As informações que circulam nas redes sociais assim tornam-se persistentes, capazes de ser buscadas e organizadas, direcionadas a audiências invisíveis e facilmente replicáveis. A essas características soma-se o fato de que a circulação de informações é também uma circulação de valor social, que gera impactos na rede. (RECUERO, 2009, p. 05).

A autora também mostra as redes sociais a partir de três pontos de vista:

- Redes sociais como fontes produtoras de informação, onde o jornalista constrói uma notícia através de uma imagem ou vídeo que circulou nas principais plataformas, por exemplo;
- Redes sociais como filtros de informações, no qual é possível que uma notícia publicada em um site seja replicada ao mesmo tempo por vários internautas, a autora usa o “*retweets* no *Twitter*” como exemplo;
- Redes sociais espaços de reverberação dessas informações, assim como no recurso de “*retweetar*” uma notícia, os usuários das redes também podem propagar o fato e torná-lo um dos mais comentados no ciberespaço.

4.3 REPÓRTERES DA WEB

Escrever para a internet, principalmente quando estamos em uma era onde tudo o que acontece é postado e compartilhado de minuto em minuto, é uma batalha árdua com a desinformação e grande quantidade de notícias falsas, já citado no relatório.

No entanto, nunca foi tão fácil ter acesso às fontes. Um telefonema, troca de mensagens no *WhatsApp* ou até um e-mail abrem as portas para que o repórter de web jornalismo consiga produzir suas matérias sem precisar sair da redação.

Citando novamente o livro “Jornalismo Digital” de Pollyana Ferrari, escrever em tempos de internet, redes sociais e demais segmentos é uma forma de se moldar ao público. As redações estão em constante transformação e o jornalismo multimídia é o caminho mais provável para que o jornalista tenha noções além de procurar os “seis porquês”.

Além de trabalhar com vários tipos de mídias, o jornalismo multimídia precisa desenvolver no repórter uma visão multidisciplinar, com noções comerciais e de marketing. Para se ter uma ideia dessa mudança do fazer jornalístico, o portal G1 prepara o repórter para ir à rua com um notebook, um modem wireless para acesso à banda larga, uma máquina fotográfica digital, um gravador de áudio digital e um rádio comunicador. (FERRARI, 2014, p. 40).

Tendo essa visão, a autora também deixa claro que o repórter de *web* vai sempre estar à frente de quase todo o processo de apuração e publicação. Em algumas situações, o repórter pode se deparar com um fato a caminho da redação e ele mesmo capturar imagens e fazer vídeos e digitar seu próprio texto durante esse trajeto, ou seja, “o jornalismo multimídia pressupõe domínios de vários apetrechos tecnológicos, olhar de editor de fotografia e uma agilidade impecável nos veículos impressos” (FERRARI, 2014, p. 40).

No entanto, há quem aponte falhas no jornalismo *web* e que acabam afetando diretamente no trabalho de apuração e divulgação das notícias. A questão é pautada diante da “refundição”, prática muito comum nas redações online e que se trata da apuração de informações em outros sites ou até mesmo em veículos associados.

Fabiana Puccinin (2003), explica que, a prática jornalística de apuração foi se transformando devido ao uso das variadas mídias. A crítica da autora é voltada para o novo *modus operandi* utilizado por boa parte das redações online, onde a principal preocupação é a rotina de produtividade original dos repórteres de *web*.

Mesmo com a grande realização - que seria a internet e a junção do jornalismo usual com a multimídia - o jornalista, segundo Puccinin, pode ter perdido a originalidade, já que refundir notícias é apenas um modo de “garimpar” informações existentes e não necessariamente ir a fundo no quesito apuração.

Há, nas redações online, um trabalho muito mais comumente orientado para o que os editores de *Web* chamam de agrupamento e sistematização das informações, do que exatamente equipes de reportagem em busca de notícias e produção de grandes reportagens. Por conta disso, a questão que se coloca é imaginar ser ou não um exagero que o jornalismo, no rigor do conceito, não exista de fato na *WEB*, na medida em que vemos produtores

de conteúdo como especialistas em tão somente reunir a produção – já evidentemente apurada e tratada – de diferentes meios de comunicação. (PUCCININ, 2003, p. 02)

Por outro lado, o jornalismo online utiliza com mais empenho a filtragem de notícias - a famosa teoria de *Gatekeeper*⁸, que surgiu em meados dos anos 50 no Estados Unidos através das pesquisas jornalísticas de *David Mannig White* – a partir do que se explica a teoria, o jornalista precisa analisar o que de fato se integra no valor de noticiabilidade, ou seja, uma reportagem necessita de uma edição detalhada para saber o que determinada informação pode agregar a sociedade.

Citando um exemplo próprio deste relatório, a reportagem multimídia sobre fanfic pode ser encarada como uma pré-edição, pois a escolha do tema – envolvendo pontos positivos e negativos da escrita amadora - é um aspecto importante para o repórter.

Um tema pode definir quais fontes cotidianas e oficiais devem participar do produto e também para qual público a reportagem será direcionada, esse caso, o jovem adulto.

4.4 A CONTRIBUIÇÃO DO LEITOR DENTRO DAS REDAÇÕES

Um fato importante sobre o jornalismo, principalmente para quem está em constante atualização, como é o caso de portais de notícia, é que nem sempre o repórter vai estar no momento do fato.

Atualmente, grande parte dos vídeos, áudios e até imagens – mesmo com pouca resolução ou ângulos nada profissionais - são enviadas por leitores online para as redações. E isso só prova mais uma vez que a reportagem multimídia depende de vários fatores além da produção e edição feitas normalmente por profissionais da comunicação.

⁸ Gatekeeper, teoria e importância no jornalismo. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/r20-0493-1.pdf> Acesso: 12 jan. 2022.

O Jornal Nacional, durante o ano eleitoral de 2018, criou o quadro “O Brasil Que Eu Quero” para dar voz ao povo e inserir a opinião pública dentro do telejornal e demais associados da Rede Globo. Os vídeos foram ganhando força e armazenados nos sites da empresa, sendo compartilhados e utilizados para criação de notícias sobre a quantidade de participantes e municípios que colaboraram.

No entanto, o que se destaca é justamente a forma como o apresentador do telejornal explica ao espectador como gravar o vídeo e enviar para a empresa. Mesmo alguns jornais já fazendo uso dessas atribuições, a multimídia dos sites passou a se interessar por esse trabalho colaborativo, pois o “gravar na horizontal” foi se popularizando e muitas empresas começaram a divulgar números de *WhatsApp*, *e-mails* e outras redes de comunicação para receber informações audiovisuais de seus leitores.

A conexão com os celulares e as redes sociais transformaram o leitor em uma espécie de fotógrafo e cinegrafista amador” (STEGANHA, p.13). A vontade de ter participação em uma notícia foi criando certo faro jornalístico no internauta e isso de alguma maneira facilitou o trabalho do jornalista com as mídias digitais.

Steganha classifica esse impulso do internauta em gerar conteúdo noticioso de repórter de ocasião. Nessa função, a linha da aproximação entre o profissional e o seu consumidor foi esquecida e é preciso saber como manter essa colaboração.

Não dá mais, por exemplo, para segurar uma informação para divulgá-la no momento mais conveniente. A própria informação também não está mais restrita ao trabalho do jornalista que busca suas fontes convencionais, como polícia, órgãos públicos, hospitais e assessorias de imprensa. Qualquer pessoa que tenha em mãos dispositivos de publicação e saiba utilizá-los pode divulgar essa informação sem passar pelo aval do profissional de comunicação. Ela pode ir direto para a rede. Mas como contornar essa situação, essa aparente perda de controle? (STEGANHA, 2010, p. 19).

As novas tecnologias nos trazem outra reflexão apresentada nas pesquisas do livro *Experiências de Consumo Contemporâneo*, que no capítulo dez, Felipe José de Xavier Pereira fala sobre a “subversão do sujeito”. Aqui o consumidor passa a produzir, sendo essa questão algo que podemos indagar como uma permissão direta dada pelo jornalismo digital.

No momento em que o leitor participa de um trabalho – enviando algo de valor noticioso – dentro dessa perspectiva do consumo contemporâneo, ele se torna parte do processo de produção, ou seja, o leitor sai do elemento passivo e se junta ao jornalista para dar desdobramento à informação.

Este cenário levanta questões para as relações de consumo, ao permitir uma visibilidade maior do consumidor, da sua voz e da sua própria produção de sentido. As inovações e relações de rede, colocadas em pauta pelas novas tecnologias, permitem ao consumidor transformar e subverter as mensagens dos canais de mídia, horizontalizando e reformulando a paisagem do cenário das comunicações sociais. (BEIGING, BUSARELLO, 2013, p. 175).

A partir dessa perspectiva é possível manter uma troca benéfica de informações entre o jornalista e o consumidor. A notícia ganha uma real possibilidade de interação e a partir dessas experiências o profissional pode ampliar as fontes de informação e explorar novas áreas.

5 PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Logo que encerrei as disciplinas e procurei por temas para iniciar o trabalho de conclusão, escrever sobre *fanfics* não foi minha primeira escolha. Conversei com alguns professores, mudei de orientação e pensei em partir para uma monografia sobre Identidade de Gênero, porém não consegui uma boa aproximação com o tema e continuei procurando por um assunto mais próximo a minha realidade.

A ideia sobre fazer um trabalho usando *fanfictions* surgiu do incentivo de amigos e após conversar com colegas de profissão. Queria um tema diferente e as experiências que tive como estagiária fizeram optar por uma reportagem e enfim inclui a ficção de fã como assunto principal, mas era difícil encontrar orientadores familiarizados com a temática contemporânea.

Assim que o professor Ronaldo Bispo aceitou participar da orientação, informei como estava pensando em construir o produto e iniciei minhas buscas por personagens dentro e fora de Alagoas.

6 ESCOLHA DO TEMA

Embora não tenha sido minha primeira opção - por insegurança e receio de não ser um assunto de interesse geral da sociedade - falar sobre *fanfics* é algo que já estava pensando desde o início do curso, pois existe uma falta de atenção dentro do jornalismo com relação ao fato, até porque, não existem muitas reportagens aprofundadas ou conteúdos detalhados.

Outro ponto usado no momento de escolher esse assunto, é que em Maceió existem pessoas que trabalham com isso e acreditam que nesse tipo de gênero literário é possível incentivar e desenvolver vários trabalhos, principalmente no lado educacional. Mesmo sendo pouco conhecido, decidi me aprofundar no tema, por ser algo muito familiar, já que eu também escrevo ficção de fã. Então usar o assunto para encerrar meu ciclo na universidade iria me garantir uma aproximação, não apenas pessoal, mas profissional e fazer com que outras pessoas questionem e, assim como eu, procurem saber mais.

Colher informações e produzir um texto relacionado a esse tema serviria para aprender mais sobre o universo dos “fanáticos” e também mostrar os fatores positivos, pois na web, esse tipo de ficção sofre muitas retaliações. Acredito que esse pode ser um conteúdo importante no âmbito jornalístico e mesclar a arte de contar histórias pessoais com dados numéricos, áudios e fotos, também traz mais uma perspectiva social.

7 PAUTA E ENTREVISTA

Uma parte importantíssima no trabalho de apuração, é a pauta. Ela define com clareza todos os aspectos relevantes e quais fontes devemos entrevistar durante a construção do assunto. Antes de sentar e produzir tudo o que foi colhido através dos personagens, a elaboração da pauta precisa ser o elemento essencial e a partida do jornalista, sem ela, as informações podem ficar confusas e todo o processo de apurar pode ser mais difícil.

A pauta é a organização, o primeiro contexto da reportagem e também a base das principais informações. Normalmente, os direcionamentos gerais, dados gráficos e até alguns recortes de outras reportagens compõem a base das questões a serem levantadas diante dos futuros entrevistados, além disso é necessário ter perguntas pré-selecionadas para uma boa noção de abordagem. É através das pautas que “se indicam fontes, produzem-se orientações para apresentação, ilustração e complementação das matérias, o que pode envolver a mobilização de vários profissionais” (LAGE, 2009, p. 31).

No tempo corrido das redações, uma pauta se torna apenas o assunto e quase sempre não se detalha um material sólido de apuração. Mas em uma reportagem multimídia, é praticamente impossível não trabalhar com um planejamento, ou seja, sem um roteiro, a falta de cobertura dos fatos pode empobrecer o texto e deixar passar batido tópicos importantes que incrementam a notícia e a transformam em uma possível manchete.

Com o tema definido, a pauta seguiu uma alocação de fontes e a narrativa geral, que nesse caso, como *fanfics* retratam leitura e escrita, a base de recortes informativos ficaram divididos entre nível global, nacional e local. Após as pesquisas achei bastante adequado traçar uma centralização, algo além do que seria uma ficção de fã, mas um “casamento” de situações e juntei dados sobre a gama de leitores brasileiro e alagoanos, sem falar nas dificuldades de manter jovens nas salas de aula ou mostrar a leitura e a escrita criativa como um viés de contribuição para a educação.

Então, a partir desse caminho, entrevistei cinco personagens que praticaram ou ainda praticam o gênero. Também participaram como especialistas, duas escritoras independentes, professoras de literatura e língua portuguesa e um juiz, que serviu como fonte oficial para explicar como a lei funciona em casos de fraudes e apropriação intelectual.

Procurei abordar os aspectos positivos e negativos, algo que se torna bem característico do trabalho jornalístico. Por se tratar de uma reportagem balanceada entre texto e mídias com fotos, áudios e vídeos, o produto final se mostrou completo e o diferencial é justamente o tema pouco conhecido, mas carregado de preceitos e especulações.

Embora pautar um assunto seja a primeira sequência de um repórter, a entrevista também é fundamental. As perguntas precisam “arrancar” boas respostas das fontes, é através desse momento que criamos uma ponte de confiança com o entrevistado e conseguimos articular melhor as perguntas essenciais.

Também é, no entanto, necessário saber lidar com desistências. Quando estava montando os principais personagens – aqueles que escrevem *fanfics* – pretendia abordar questões de traumas e violências detalhados em muitas histórias, na qual uma das fontes afirmou contar situações reais da sua vida usando o gênero literário. No entanto, ela acabou desistindo e a pauta seguiu apenas com os aspectos socioeducacionais e polêmicas envolvendo plágio.

A interlocução do jornalista com a fonte de informação, em particular o entrevistado, é fruto de negociações. Por isso, antes da entrevista ocorrer, a fonte pode se recusar a falar e, caso aceite, a fonte pode, legitimamente, recusar-se a responder perguntas que considere improprias ou desrespeitosas. O desafio de uma entrevista é preservar a comunicação. Ninguém tem obrigação de ser comunicador nato. Muitos gaguejam, intercalam observações e opostos intermináveis, gesticulam mais que viabilizam. (PEREIRA, 2006, p. 57).

A pré-produção foi pensada justamente na comodidade das fontes, até porque, boa parte das perguntas, principalmente para os personagens cotidianos,

eram voltadas para o âmbito pessoal e fiz questão de enviar a pauta completa e mostrar como a temática será abordada dentre cada entrevistado.

Durante o encontro virtual – pois algumas entrevistas precisavam ser por telefone, videochamadas e com trocas de mensagens através do *WhatsApp* – as perguntas foram enviadas e respondidas entre textos, vídeos e áudios.

8 ANÁLISE DAS FONTES

Devido a minha aproximação com o tema, não foi difícil encontrar pessoas dispostas a participarem da reportagem. A manchete é sobre a polêmica envolvendo uma certa falta de responsabilidade social, onde muitos fãs acabam colocando a escrita criativa para banalizar traumas e até crimes e isso gera debates acalorados na internet.

Já para trazer o contexto positivo, ou o outro lado da moeda, a comunicação com duas representantes do gênero em Alagoas ponderou a aproximação de adolescente com a escrita e revelou pretensões profissionais após o contato com a ficção, tanto que uma delas já publica de forma autoral e original.

Encontrei apenas duas fontes cotidianas locais e as demais foram divididas entre São Paulo, Minas Gerais, Maranhão e até Portugal. Essa última seria minha fonte principal sobre uma das polêmicas, pois ela utilizava as *fanfics* como diário pessoal, onde contava situações de violência doméstica vivida por ela na adolescência através dos seus ídolos musicais. Mas reviver os traumas e falar sobre eles lhe causou problemas psicológicos e preferiu desistir.

Como já foi dito – devido a pandemia e sendo impossível encontrar as demais fontes pessoalmente por serem de outro estado – optei por chamadas de vídeo,

conversas por redes sociais e troca de e-mails. A minha condição de saúde também inviabilizou o encontro com as fontes locais, que são de Maceió, mas concordaram com a interação virtual.

As fontes especialistas e oficiais foram contatadas logo após as entrevistas cotidianas e foram indicadas por colegas jornalistas e assessorias. A dificuldade surgiu quando percebi que muitos escritores alagoanos, não sabiam o que de fato era uma ficção de fã e normalmente recusaram responder as perguntas por não terem base do que falar, então dei um tom diferente para incluir autores profissionais no tema.

A ideia foi ter um intertítulo sobre escritores independentes e encaixar uma das personagens que trocou a profissão de recepcionista por romancista, além de ter se interessado pela categoria através da sua escrita de fã. Dessa maneira percebi que era possível mesclar outro assunto sem fugir do principal e apresentar outra contrapartida do universo escrito/leitor.

Com a organização das fontes e as entrevistas encaminhadas, o contexto de abordagem passou a ser montado logo depois.

8.2 SEQUÊNCIA DE ABORDAGEM

As polêmicas, como já afirmei logo acima, são os pontos negativos e centrais da reportagem. Mas existem situações positivas que foram mudando um pouco o contexto e também não deixou a matéria com um ritmo pesado e sem visões diferentes, a sequência dos fatos entrou em conjunto com todos os intertítulos abordados.

Tanto o título da reportagem quanto o subtítulo trazem informações de como o trabalho textual agregou as opiniões das fontes. A princípio, o uso da banalização sobre crimes, violência baseada em fatos reais e questões sobre automutilação seriam abordados na matéria, mas as entrevistas foram tomando rumos diferentes e o produto final mostrou o entre os benefícios e a eterna dúvida sobre violações autorais.

Nesse contexto, fiz uma lista de perguntas diretas e indiretas para as principais fontes de informações. As interações foram voltadas para conhecer melhor cada participante da reportagem e deixar que as perguntas fossem respondidas de maneira leve e sem impor um padrão engessado de respostas, até porque o assunto pede uma certa espontaneidade.

Andressa Rodrigues foi a primeira entrevistada e ela mostrou o lado adolescente da sua história e convivência com o gênero. O contato com ela me levou até outros elementos que poderiam ser incorporados na reportagem, como os intertítulos que mostram a realidade dos leitores no Brasil, que é um país que não gosta de ler, mas elegeu a bíblia como uma das leituras assíduas entre os jovens.

Além disso, as mídias foram gravadas pelos próprios entrevistados e orientei apenas como deveriam ser gravados os vídeos - na horizontal – e deixei a critério de cada um sobre o que falar na gravação, isso com relação às fanfics. A entrevista com a Aysha Melo, a publicitária que conseguiu publicar um *e-book* da sua *fanfic* foi a segunda e marquei o encontro virtual através da Andressa, ela havia informado que conhecia outra maceioense que estava no ramo das ficções de fã.

Já os demais personagens cotidianos são de fora de Alagoas e minha participação em site de *fanfics* facilitaram encontrá-los, principalmente o terceiro entrevistado, Franck Vaz, que mora em São Luiz do Maranhão. Ele é o único homem que colaborou com a reportagem e o conheci em 2008, quando li sua *fanfic* inspirada nos personagens de Crepúsculo. A entrevista foi pela rede social *Facebook* e de certa forma é um dos diferenciais da reportagem, já que é um gênero dominado e reconhecido apenas por mulheres.

Giulia Pallazini e Larissa de Souza também fazem parte do meu conhecimento em *fanfics* e foram às quartas entrevistas. Giulia é de São Paulo e Larissa mora em Minas Gerais e ambas participavam de um grupo virtual de *RPG*⁹ sobre *After* e esse

⁹ RPG nada mais é que “Role Playing Game”, ou seja, um jogo onde as pessoas interpretam seus personagens e criam narrativas que giram em torno de um enredo.

foi o primeiro contato que tive com as duas. Entrei em contato com as duas no mesmo dia e elas toparam participar da reportagem e também gravaram áudios, que foram incorporados no texto junto com fotos de arquivos pessoais.

Com relação às fontes oficiais, o contato seguiu por redes sociais, mas para conseguir gravar a entrevista da professora de literatura, Ana Cláudia, contei com a ajuda de uma colega jornalista, Jessyka Costa, ela foi quem enviou as perguntas que havia elaborado e editou os relatos em vídeo.

O último entrevistado foi o juiz Eric Baracho. A assessoria do Tribunal de Justiça de Alagoas (TJ/AL) intermediou a entrevista por e-mail e o magistrado optou por gravar um vídeo - editado e enviado no drive – pelo assessor Isaac Neves.

Feitas as principais entrevistas, iniciei o trabalho de pesquisa geral e incluí dados sobre quantidades de *fanfics* publicadas, quais gêneros eram os mais procurados e escritos nas plataformas, além de pesquisar sobre as empresas que obtém lucros vendendo as histórias classificadas como originais. Outro fator que entrou nas preliminares de pesquisa foram os dados de analfabetos em Alagoas e no Brasil, pois já que estávamos falando de leitura e escrita era pertinente agregar esse assunto na matéria.

As informações sobre plágio e se escrever ou publicar *fanfics* é crime foram retiradas do site *JusBrasil*, mais especificamente de um artigo que aborda o assunto e exemplifica como funcionam as leis nesse âmbito. Como não existiam processos sobre apropriação ou violações de direitos autorais recentes em Alagoas, optei por focar apenas nas recomendações da justiça e quais leis protegem os autores brasileiros.

8.3 REDAÇÃO E EQUIPAMENTOS

Assim que todas as entrevistas foram concluídas, mesmo com os imprevistos envolvendo escritores que entendessem de *fanfic*, a parte da escrita foi iniciada. Primeiro pensei em como o título abordaria as principais questões levantadas ao longo das apurações e logo o “embate” entre pessoas encontrando uma nova profissão e talentos sendo revelados, contra as opiniões contrárias diante do gênero virtual.

O subtítulo traz mais informações sobre o que está por vir, pois é notoriamente uma modalidade de escrita dominada por mulheres, que em sua maioria tratam assuntos delicados, como relacionamentos abusivos ou machistas, no caso de Cinquenta tons de Cinza. Para trazer o que de fato é uma *fanfic* – sem tornar o *lead* extenso – levantei o questionamento comum para quem é fã: “Quem nunca pensou em mudar aquele final de um filme ou série favorita, ou por muitas vezes criar um universo paralelo para seus personagens literários favoritos?” e é exatamente esse o poder dessa ficção.

Logo em seguida, a reportagem apresenta autoras famosas que destacaram seus primeiros trabalhos com ficções de fãs. Os números de vendas e visualizações dos trabalhos da norte-americana Anna Todd e da britânica E.L. James são inspirações para muitas garotas que sonham com a profissão. Mas também devemos levar em conta, que o mercado editorial brasileiro é cheio de dificuldades e impasses para quem pretende seguir carreira ou apenas publicar, de forma física, algum romance.

É nessa questão, que a matéria mostra como algumas empresas podem “ajudar” as *fanfiqueras* e o *Kindle Worlds* surge como a solução. A partir daí, o conteúdo relaciona a economia do mercado literário virtual apresentando dados da pesquisa da Câmara Brasileira do Livro (CBL) junto com Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), uma forma de interligar o assunto nacionalmente, já que estamos falando de livros.

Sem perder o foco no fato principal, os primeiros relatos vão surgindo e os personagens se entrelaçam com outros dados. *Fanfics* não são bem conhecidas em

Alagoas e posso dizer que no Brasil também, pois a busca de dados gráficos foi a parte mais inacessível dos relatos.

A pesquisa do Instituto Pró-Livro foi a principal base de dados para relacionar os assuntos abordados em cada intertítulo. Se a reportagem revela que existe uma parcela da população que desenvolveu o gosto pela leitura e a escrita através de um gênero específico, nesse caso, a ficção de fã, é imprescindível mostrar dados sobre como está o consumo de livros dos considerados leitores tanto no Brasil quanto em Alagoas. Dentro dessa base de dados também há referência aos índices de analfabetismo e evasão escolar, principalmente durante os dois anos de pandemia.

Ao todo, a reportagem agrupa cinco personagens cotidianos e quatro fontes oficiais, que classifica assim por serem representantes legais para tratar do assunto. Duas professoras de literatura e língua portuguesa, a escritora independente e o juiz, todos de Alagoas.

Com relação aos equipamentos, o que utilizei foram aplicativos de edição. Inserir imagens montadas para ilustrar o texto dentro do site, há também as edições de áudios e vídeos. Todos os aplicativos são versões gratuitas e foram baixados no celular e notebook. A maioria das fotos são de arquivo pessoal e os aplicativos de edição de imagem ajudam a melhorar a resolução e ajustar ângulos.

Foram utilizados:

- Editor de áudio Audacity e CapCult
- Editor de fotos e design digital Canva
- Windows Movie Maker
- Photoshop Express

8.4 EDIÇÃO E WEB DESIGN

O texto completo ficou pronto em maio de 2022, devido ao meu tratamento de saúde demorei cerca de um mês para concluir a edição total e também contei com a ajuda de duas jornalistas formadas para editar a reportagem e o próprio hot site. Tive que correr contra o tempo, já que estava próximo de perder os prazos de conclusão e poderia ser jubilada, então o auxílio profissional de colegas jornalistas.

A reportagem foi dividida em quatro partes para a edição - rever erros de grafia, mudanças de falas dos personagens etc. - isso levou o tempo de duas semanas e logo depois enviei para o professor Bispo checar.

Com a matéria revisada e editada, a criação do site veio logo em seguida e foi a parte mais difícil, pois não tenho domínio sobre as ferramentas digitais. Então uma amiga criou a parte gráfica e física do hot site e fomos alimentando a plataforma conforme as mudanças sugeridas nas orientações.

O *web design* escolhido para uma reportagem multimídia deve ser montado e pensado como parte do conteúdo. Desde a funcionalidade e praticidade até o *layout*, pois o produto gráfico deve conversar com o tema e é essencial para manter a atenção do leitor.

Nesse contexto, o site foi criado a partir da plataforma *Google Sites.com*, que disponibiliza diversas interfaces gratuitas para quem deseja criar projetos virtuais. O próprio *Google* libera acesso para outras ferramentas de composição, mas não abre espaço para dar mobilidade à multimídia, é uma plataforma mais simplista e comum.

Para enriquecer a produção e a 'entrada' principal do site, o design investiu nas cores. As plataformas de *fanfics* foram a inspiração para colorir toda a template, a escolha do laranja (*Wattpad*) e o verde (*Social Spirit*) compõem cada história apresentada ao longo da reportagem. Acredito que utilizar elementos desses dois sites ajuda a diferenciar o produto final e também atrai a atenção das pessoas que forem ler, além de despertar a vontade de conhecer um pouco mais sobre a ficção de fã e onde encontrá-las.

Figura 1 – O site da reportagem seguiu o modelo das plataformas de fanfics.



No início, procurei algumas reportagens para seguir o modelo de *design*, mas como foi explicado logo acima, a ferramenta desenvolvida pelo *Google* é bem limitada para comportar movimentos. Porém, é possível adicionar fotos e vídeos através do *Drive* e isso facilita o manuseio das mídias tanto para o repórter quanto para o leitor/telespectador, pois o acesso não demora para carregar e a reprodução é mais leve, ou seja, o hot site pode ser aberto direto do celular, *tablet* e computador de forma compatível e segura.

As fotos e vídeos dos personagens estão em destaque no texto para melhor apresentação dos fatos e uma visualização ampla das falas e trajeto da reportagem. Os áudios seguem um contexto parecido, mas alguns foram inseridos ao final de cada intertítulo, como uma forma de chamar a atenção separadamente das mídias centralizadas. O alinhamento do texto é central, no entanto, o leitor que abrir a matéria em mobile – no celular -, ele vai estar à esquerda para facilitar a rolagem da tela e a adaptação visual.

Ainda conforme a apresentação do textual foram utilizados três tipos de fontes: Arial, *Merriweather* e *Roboto*. Título, subtítulo e corpo completo de texto seguem o mesmo parâmetro de fonte, apenas variando os tamanhos – 24 para a manchete, 20 para o sub e 14 o texto do início ao fim. As duas últimas fontes citadas estão nas legendas das imagens em tamanho 11 e nos intertítulos, com 18.

Outro diferencial, está no início da reportagem. Durante a procura por modelos nacionais de multimídia recebi a indicação de uma espécie de orientação para leitores, que pode ser colocada como uma opção de ‘escolher’ qual parte da reportagem pretende ler primeiro. É uma noção mais moderna de alguns veículos digitais, algo para não prender internautas em uma leitura mais convencional - começar pelo lead e seguir adiante – assim, é possível clicar em um *hiperlink* disponível no início e ir direto para qualquer parte da matéria sem sair do site.

Figura 2 – O “Você verá” é uma forma de manter a leitura menos formal.



Por fim, os infográficos estão espalhados ao longo da reportagem e alguns estão em carrossel para dinamizar a informação contida neles. Também estão inseridas imagens com modalidades de *fanfics*, outro ponto de conhecimento sobre o tema para atualizar os leitores sobre como os autores dessa ficção podem escrever.

Portanto, aliar a interatividade, a multimídia e navegabilidade, o *design* visual e responsivo, mesmo a ferramenta gratuita que comporta a notícia não garantindo movimentos e formas visuais mais atualizadas, é necessário abrigar uma iniciativa de fácil acesso e com praticidade.

Acredito que o produto final intitulado de: *A Ficção de fã entre os jovens: escrita virtual descobre novos talentos e levanta polêmicas*, está completo e traz os elementos principais de uma boa reportagem multimídia.

9 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência de escrever uma reportagem multimídia foi a base complementar para minha formação, pois seguiu uma maneira diferente do que costumo trabalhar como estagiária até então. Redigir um texto com mais de 10 mil caracteres sobre as ficções de fã também emanam uma sensação de desafio, já que é um tema da minha adolescência e que consegui trazer diversas facetas para enfim concluir meu trajeto acadêmico e mostrar a relevância noticiosa deste fato pouco conhecido em solo alagoano.

O trabalho jornalístico inserido nesta temática aprimora a relação difusa entre os brasileiros e a leitura. É de extrema importância trazer à tona, mesmo que com a falta de interesse ou o pouco investimento de políticas públicas, algumas pessoas estão buscando formas de colocar o hábito em dia e sabemos que a leitura pode transformar pensamentos. A junção entre uma escrita amadora instiga a procura por livros, sendo ficção ou não, ler ainda é a 'salvação' social para uma população pouco familiarizada com o hábito.

Cada personagem, as histórias e o que segue em discussão sobre leitura boa ou ruim contribuem para uma visão geral do que realmente importa: se aprofundar, gostar e dar espaço para novos momentos de descanso através de um livro, mas também agregar senso crítico construtivo. O fato de dar relevância para um assunto fora do comum (não sendo uma reportagem com tema convencional algo como gravidez na adolescência, por exemplo), porém introduzindo questões bem conhecidas do nosso país – índices de analfabetismo e evasão escolar - é uma maneira de levantar mais opiniões sociais e não deixar de mostrar a realidade dos problemas educacionais enfrentados por boa parte dos brasileiros.

Para quem acessar a reportagem, a notícia vai abordar diversas informações sobre o mundo das *fanfics*. Esse é o principal motivo para que a escolha desse tema fosse incluída em minha formação profissional, pois os leitores podem se aproximar do fato noticioso e criarem suas próprias redes de opiniões ao compartilharem entre amigos e familiares.

Além disso, a reportagem multimídia carrega justamente a função de divulgar e gerar comentários no âmbito virtual. A interatividade dos áudios, vídeos, falas dos personagens e infográficos transparecem a notícia, afinal, em tempos de falsificação, é importante deixar os leitores entenderem como se constrói uma matéria jornalística real e cheia de veracidade.

Os resultados dessa apuração, redação, edição textual e de *design* é fruto de um trabalho conjunto, pois as experiências adquiridas entre as disciplinas acadêmicas e a prática com estágios moldam o caminho profissional que venho buscando. A reportagem referente a este relatório voltado para meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi produzida para ganhar visualização e prosseguir com

a produção de outras matérias jornalísticas nesse formato, pois o multimídia vem alcançando espaços na comunicação e pretendo reproduzir esse trabalho, caso tenha o aval positivo do meu chefe, no site onde faço estágio e divulgá-lo enfim como meu primeiro conteúdo sendo repórter por formação.

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *fanfics* estão em todo lugar e isso é um fato, pois cada um de nós já sentiu vontade de mudar algo em um seriado favorito ou até mesmo na própria vida. Imaginar cenas, discussões, desdobramentos diferentes e criar uma história a partir de conhecimentos reais, é trazer a ficção de fã para perto. O foco nessa reportagem foi tirar esse tema da marginalização, atrair o lado positivo de quem escreve ou simplesmente ler esse gênero. As plataformas voltadas para comportar os trabalhos de quem sonha com a profissão de escritor, é também uma porta aberta para atrair quem já se considera um autor e acreditam que espalhar as páginas de seus livros de forma gratuita fortalece a publicação independente, além de construir uma rede de incentivo à leitura.

Podemos dizer que existem falhas graves nessa modalidade? Sim. A banalização de certos comportamentos criminosos e errados perante a relacionamentos amorosos usados como "meta de romance" é um grande problema no conceito da escrita amadora. Mas devemos levar em conta todo o esforço dessa categoria e não enquadrar apenas um lado da história como o único.

O jornalismo é isso, ouvir e relatar ambas as partes, trazer a controvérsia para que não exista um amontoado de informações perdidas, que podem influenciar o senso crítico da população. Diante dessa afirmação, como pessoa que analisa informações e lê muito para aprimorar minhas opiniões em fatos do dia-a-dia, posso dizer que as dimensões sobre as fanfics foram bem colocadas e apresentadas ao

longo da reportagem e trouxe elementos regionais, como as personagens que fazem essa ficção ser reconhecida em Alagoas.

Mesmo que muitos acreditem que o jornalista deve ser imparcial com relação aos fatos apresentados, a profissão se justifica por sua função social. É difícil não embarcar nas trocas de diálogo com as fontes e não deixar isso transparecer em nossos textos, costumo dizer que ser um jornalista vai além de só praticar a comunicação ou sentar, ouvir e descrever, pois nós também somos parte do interesse público.

Por já conhecer e fazer parte das ficções de fã busquei ao máximo deixar claro que é preciso olhar o gênero com bons olhos e instigar o interesse positivo, afinal, se estou prestando um serviço público à população, preciso entregar um conteúdo que ajude as pessoas a ter uma melhor compreensão do assunto e de como ele pode afetar a discussão social.

Conclui-se, mesmo sabendo que não se trata de uma mega obra midiática, que tanto a reportagem quanto o relatório em si trouxeram bons aspectos do meu trabalho e esclareceram noções importantes do tema. Não posso deixar de afirmar, que as *fanfics* são uma partida das futuras publicações independentes e espero que o estado de Alagoas produza mais adolescentes empenhados na missão de escrever seus próprios contos mantenham viva a categoria de *fanfiqueiras* na região.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Daniele, ARRUDA, Maria Izabel. **Fanfiction: Uma Escrita Criativa na Web**. Revista Perspetivas em Ciência da Informação, Minas Gerais, 2017.
- AQUINO, M. C. **Um resgate histórico do hipertexto: O desvio da escrita hipertextual provocado pelo advento da Web e o retorno aos preceitos iniciais através de novos suportes**. Disponível em: <https://bit.ly/3kfN2fu>
- AROSO, Inês. **As Redes Sociais como ferramentas de Jornalismo Participativo nos Meios de Comunicação Regionais: Um estudo de caso**. 2013.
- BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBahia**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador (BA), novembro de 2002.
- BARBOSA, Suzana. **O que é Jornalismo Digital em Bases de Dados, Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-lin.**, FACOM-UFBA, Salvador (BA), 2006.
- CANAVILHAS, J. M. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. 2001. Disponível em: <https://bit.ly/358dxgl>. Acesso em: 05 nov. 2021.
- DONEDA, Letícia. **O Gênero textual Fanfiction**. Rio Grande do Sul: Bibliodigital Unijui, 2016.
- FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **Inovações Tecnológicas e Transformações no Jornalismo com as Redes Sociais**. Revista Geintec, Sergipe, 2014.
- FRANCISCO, Kátia Cristina. **O jornalismo e as redes sociais: participação, inovação ou repetição de modelos tradicionais?** Prisma.com, Porto, Editorial Brapci, 2010.
- FRIAS FILHO, O. **O que é falso sobre fake news**. Revista USP, 116, p.39-44, 2018.

GAROFALO, Debora; ZANDONADI, Raquel. **Como Despertar o Prazer da Leitura Através da *Fanfic***. Editora Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo>. Acesso em: 13 de nov. 2021.

ITO, Liliane de Lucena. **A Reportagem Multimídia Interativa: Inovação, Produção e Monetização**. SBPjor/ Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, São Paulo, 2016.

ITO, Liliane de Lucena. **A reportagem multimídia interativa como reflexo de transformações na indústria da mídia e a sua relevância no ensino de graduação**. Unesp, Bauru, São Paulo, 2016.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LENZI, Alexandre. **Desafios no redesenho das redações convergentes: produção multimídia e as relações de trabalho**. Vozes e diálogos. Itajaí, v. 13 n. 02, jul/dez. 2014.

LONGHI, Rachel Ritter. **O *Turning Point* da Reportagem Multimídia**. Porto Alegre: Famecos, 2014.

LOPES, Elis. **Webjornalismo: Do Impresso ao Digital, um estudo de Caso do Jornal Tribuna do Norte**. Monografia apresentada ao curso de graduação em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

MAGALHÃES, Luiz Antonio. **Jornalismo Impresso: Reinvenção ou Decadência**. Revista UFG, Goiás, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 2008.

MENEZES, Stephanie; ARAUJO Ronaldo Ferreira. **Fanfiction de Ficção Científica: Divulgação e Incentivo a Leitura sobre Ciência**. Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na Web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual**. Tese de Doutorado. FACOM/UFBA, 2003.

MIELNICZUK, L. **Características e Implicações do Jornalismo na We**. 2001.

MIELNICZUK, L. **Web Jornalismo de Terceira Geração**. artigo apresentado na Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

MOREIRA, Fabiane. **Os Valores-Notícias no Jornalismo Impresso: Análise das ‘Características Substantivas’ Das Notícias Nos Jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e o Globo**. Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

OLIVEIRA, Danilo. **As Contribuições do Hipertexto Para o Webjornalismo, Diálogos & Ciência**. Revista da Rede de Ensino FTC. Ano V, n.11, set. 2007.

PALACIOS, M. **Jornalismo Online, informações e memória. Comunicação apresentada nas jornadas de Jornalismo Online**. Porto: Universidade de Beira Interior, 2002.

PALACIOS, M. **Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro**. FACOM/UFBA, Universidade Federal da Bahia, 2002.

PEREIRA JR., Luiz da Costa. **Guia Para Edição em Jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PEREIRA JR., Luiz Costa. **A Apuração da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PERNISA JR., Carlos. **Jornalismo Transmidiático ou Multimídia?** Revista Redalyc.org, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2010.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PUCCININ, Fabiana. **Jornalismo Online e Prática Profissional: Questionamentos a apuração e Edição de Notícias para Web**. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação, Santa Cruz do Sul, Santa Catarina, 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**, 2009.

RECUERO, Raquel. **"Deu no Twitter, alguém confirma? "Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais.** SBPJor- Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, Rio de Janeiro, 2011.

RIBEIRO, Eliza. **Do Jornal Impresso as Telas Digitais: Trilhas do Leitor.** Revista Comunicação e Sociedade, vol. 17, São Paulo, 2010.

RIGHETTI, Sabine; QUADROS, Ruy. **Impactos da Internet no Jornalismo Impresso.** Revista ComCiência, São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Rina Sales; NUNES, Karliane Macedo. **Jornalismo em Transformação: Um estudo comparativo da construção do formato "Notícia" nas versões impressa e digital do Jornal A Crítica.** Artigo apresentado no Intercom, Parintins (AM), 2019.

SANTOS, Maribel. **Webjornalismo e as Possibilidades de Interação com o Público.** Artigo apresentado para o 10º Encontro Internacional Para Professores, Rio de Janeiro, 2016.

STEGANHA, Roberta. **Jornalismo na Internet: A influência das redes sociais no processo de confecção das notícias de entretenimento e celebridade.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, 2010.

TENÓRIO, Gisleine. **A Inserção de *Fanfiction*s no Ambiente Escolar: Uma Proposta de Sequência Didática.** 2013, Londrina, p.02.

VARGAS, M.L.B. **O Fenômeno *Fanfiction*: Novas Leituras e Escrituras em Meio Eletrônico.** Editora UPF, Santa Catarina, 2015.

WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. ***Fanfiction*.** Contribuidores Wikipédia, Data da última revisão, 2018, S/P

ANEXO

Data: 23/03/2022
Nome do pauteiro (produtor): Erika Messias
Nome do editor: Ronaldo Bispo
Nome do repórter: Erika Messias
Retranca: <i>Fan fiction</i>
Fonte: Escritores, leitores, autores profissionais, professores, juiz especialista em crimes de plágio.
Tema: Ficção de Fã: Escrita virtual descobre talentos e levanta polêmicas.
Gancho: Fãs que se destacam com a escrita, publicam histórias, autores famosos e polêmicas com conteúdo, banalização de crimes e plágio.
Relevância/objetivo: Modalidade de escrita virtual está ganhando espaço entre adolescentes e jovens adultos. A ficção de fã está mudando o comportamento de leitores e incentivando o gosto pela leitura e a escrita, além de revelar novos talentos profissionais.
Dimensões de abordagem e procedimentos para o repórter: Ouvir pessoas que tenham contato com o gênero; Buscar informações sobre fanfics no país e em Alagoas; Mostrar como essa escrita pode ajudar no hábito de leitura e escrita; Apresentar dados sobre o hábito de leitura do brasileiro; Abordar o tema com relação as opiniões contrárias ao gênero; Entrevistar professores de literatura e redação;
Fontes oficiais (nome, cargo, telefone, e-mail):

- Eric Baracho- Juiz de Direito do Tribunal de Justiça do Estado de Alagoas – TJAL (imprensa@tjal.jus.br)
- Tribunal de Justiça do Estado de (TJAL) – Vara do Único Ofício (82) 3270-1115

Fontes cotidianas (personagens, cidadãos, pessoas que praticam a escrita virtual):

- Andressa Rodrigues – Estudante – alagoana que escreve fanfics desde a adolescência e acumula muitas visualizações em suas histórias. (82) 9909-5343
- Aysha Melo– Publicitária- Conseguiu publicar fanfics pela Amazon e agora escreve romances originais. (82) 8751-9919
- Giulia Pallazini – Desenvolveu gosto pela leitura através das fanfics e escolheu ser psicóloga por conta do gênero, que aborda temas fortes. (11) 8997-0031
- Larrissa de Souza- Recepcionista - começou escrevendo fanfics e atualmente usa plataformas do gênero para divulgar seus romances de forma independente. (31)8528-2388
- Franck Vaz – Supervisor pedagógico - em uma modalidade dominada por mulheres, ele publicou sua ficção inspirada em Crepúsculo e venceu a vergonha por escrever algo considerado 'feminino'. (99)8458- 5438

Fontes especialistas (nome, cargo, telefone, e-mail):

- Ana Cláudia Félix - Professora de Literatura e Redação - (82) 9634- 7236; e-mail: prof.anaclaudiafelix@gmail.com

- Vanessa Correia – Professora de Língua Portuguesa - (82) 8857- 6557; e-mail: wanessa.correiaa@hotmail.com
- Edleusa Ferraz – Escritora - (82) 98184-8319; e-mail: edileuza.ferraz@ifal.edu.br

Fontes documentais (nome do documento, instituição, link):

- Instituto Pró-Livro- Relatos da Leitura no Brasil 5ª edição
<https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>
- Sindicato Nacional das Editoras de Livro- Painel do Varejo dos Livros no Brasil
https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2020/12/SNEL_12_2020_-_12T_2020.pdf
- Ficção feita por fãs vira negócio para a Amazon
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ronaldolemos/2013/06/1288504-ficcao-feita-por-fas-vira-negocio-para-a-amazon.shtml>
- Faturamento das editoras brasileiras com Conteúdo Digital cresceu 36% em 2020, passando a representar 6% do setor
https://snel.org.br/wp/wp-content/uploads/2021/07/RELEASE_-_Pesquisa_Conteudo_Digital_do_Setor_Editorial_Brasileiro_ano-base_2020.pdf
- Projeções e publicações de subgênero de fan fiction mais procurados nas plataformas virtuais
<https://archiveofourown.org/>

- Tudo que você precisa saber sobre direitos autorais em fanfics

<https://anaclaraalvesribeiro.jusbrasil.com.br/artigos/827161982/tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-direitos-autorais-em-fanfics#:~:text=A%20resposta%20%C3%A9%3A%20sim!,uma%20viola%C3%A7%C3%A3o%20de%20direitos%20autorais>

Sugestões de perguntas:

Algumas sugestões de perguntas para as fontes, lembrando que outras questões devem ser consideradas durante a entrevista e o repórter deve ficar à vontade para fazer as perguntas que desejar.

- **Para os escritores e leitores de fanfics:**

- 1- Quando voce começou a escrever e ler fanfics?
- 2- Voce se considera uma escritora?
- 3- Acredita que essa modalidade de escrita incentivou seus novos hábitos de leitura?
- 4- É necessário pesquisar conteúdos para ter criatividade ou inserir situações reais?
- 5- Acha que muitos fãs escrevem como forma de desabafo?
- 6- Já pensou em procurar editoras para publicar suas fanfics de forma física ou em e-book?
- 7- Existe algum tipo de história/subgênero preferido para ler?
- 8- Voce acredita que a fanfics é um tipo de plágio?
- 9- A insatisfação com finais de séries de tv, filmes e livros foi seu primeiro
- 10-passo para escrever universos paralelos?
- 11-Acredita que existe uma certa banalização sobre temas considerados tóxicos?

- **Para as professoras:**

- 1- As fanfics podem ser uma porta para manter o gosto pela leitura?
- 2- Na sua perspectiva profissional, toda leitura deve ser considerada válida?
- 3- Como você trabalha a temática leitura e escrita com seus alunos?
- 4- Algum aluno já falou sobre fanfic na sala de aula?
- 5- Ler e escrever ajuda no desenvolvimento construtivo/social da população em um modo geral?

- **Para a escritora:**

- 1- O que você acha sobre fãs que escrevem a partir de inspirações de outras obras?
- 2- Acredita que escritores independentes são o futuro dos romances virtuais?
- 3- Jovens escritores têm mais chances do mercado literário?
- 4- Já teve ou tem contato com fanfics, qual a sua opinião sobre essa escrita contemporânea?
- 5- É mais vantajoso publicar suas obras originais em plataformas voltadas para fanfic?

- **Para o juiz:**

- 1- Quando se fala em plágio muitos se perguntam como a justiça procede, existem penalidades para quem comete o ato?
- 2- Em Alagoas tem processos de plágio em andamento?
- 3- É possível afirmar que há diferença entre plágio e apropriação intelectual?
- 4- A vítima de plágio pode procurar a justiça diretamente ou é necessário ter provas do crime?
- 5- Muitos fãs escrevem obras inspiradas em trabalhos de seus ídolos literários e publicam em plataformas digitais, é possível dizer que estão cometendo plágio?

6- Como os autores podem manter seus trabalhos em segurança e longe de situações envolvendo plágio?

7- Plágio é um crime grave ou infração leve?

Sugestões de mídias:

- Registrar parte dos relatos dos entrevistados em áudio e vídeo;
- Tirar uma fotografia de cada fonte para compor a matéria;
- No caso da fonte que não quer ser identificada, ter cuidado ao fazer registro de áudio e vídeo, cuja voz deve ser alterada e a imagem desfocada. As fotografias devem ser registradas de maneira que não a identifique.

Outras dicas:

Fazer infografias de dados e demais informações para compor a reportagem.
Editar bem áudios e vídeos a serem anexados.